

“Dar a mão”

Num belo dia de sol, estava eu sentada num banco de jardim, aqueles bancos de madeira de bétula, com heras a abraçá-lo, destacando todos os tons e defeitos daquela madeira. Como eu adorava aquele lugar, aquela brisa fresca, o canto dos rouxinóis, as borboletas que por lá esvoaçavam até pousarem nas orquídeas, brancas como a neve! Aquele jardim era o meu refúgio, o meu lar, era ali, naquele belo e doce jardim, que derramava todas as minhas lágrimas de tristeza, alegria, frustração e angústia.

Lembro-me como se fosse ontem, mesmo que tenha sido há anos atrás. Lembro-me de mim, jovem, com apenas 21 anos, a ler naquele jardim. Lembro-me de como os meus cabelos eram negros como o carvão e ondulados como as ondas do oceano. Havia crianças a brincar, pássaros a cantar, e ele. Ele estava a andar de skate, até que os nossos olhos se cruzaram. Ele caiu. Mesmo à minha frente. Conseguia ouvir as gargalhadas dos seus amigos ao longe, e logo percebi que ninguém iria ao seu auxílio. Fui a correr para o ajudar. Então, dei-lhe a minha mão. A minha mão apenas tremia de nervosismo, e, para melhorar, eu finalmente vi. Aqueles olhos castanhos como avelã que cada vez mais se penetravam nos meus. Os seus cabelos de ouro que cada vez brilhavam mais com a luz quente e aconchegante do sol de primavera. Era como se ele tivesse saído de um conto de fadas.

Ele agarrou a minha mão e sorriu para mim, claro que lhe retribui. Quando já estávamos os dois de pé, reparei que ele se tinha magoado no joelho, perguntei se ele precisava de algo, ou se queria que o levasse a casa, mas ele apenas desviou o olhar.

-Está tudo bem, obrigada. -disse ele.- Peço desculpa por ter interrompido a tua leitura.

-Não, está tudo bem, eu não me importo com o livro. Tenho tempo para ele - disse eu.

Não sei como a minha cara estava naquele momento, mas tenho a certeza de que estava muito vermelha. Não conseguia olhar nos olhos dele e conversar como uma pessoa normal, estava tão nervosa que não sabia o que fazer. Então ele apresentou-se:

- Já agora, o meu nome é Tom. Tom Johnson. Mas podes chamar-me de TJ.

- Eu sou a Olive, prazer em conhecer-te TJ.

Passado um tempo, os seus amigos apareceram e disseram que tinham de ir embora pois já estava na hora deles. O TJ disse que eles podiam ir andando porque ele ia chegar algum tempo depois. Então eu e o TJ passamos o resto daquela tarde a conversar, sobre os nossos gostos e estilos, músicas preferidas, filme ou série preferida, e sobre outras coisas. Quando nos apercebemos, já estava quase a anoitecer, então trocamos o nosso contacto um com o outro para podermos continuar a falar.

A cada dia que passava, estávamos cada vez mais próximos um do outro, não sei quanto tempo mais eu conseguiria aguentar, estar todos os dias com a pessoa que eu mais amava naquele momento e não lhe poder dar amor. Ambos sentíamos o mesmo, só não sabíamos como dizê-lo então o TJ convidou-me para uma saída, uma espécie de encontro, onde nos beijamos pela primeira vez. Desde esse dia que estávamos juntos e tudo parecia perfeito, era tudo tão bom!

Mas como diz o ditado, “tudo o que é bom, acaba depressa”. E connosco não foi diferente. O TJ foi diagnosticado com cancro no estômago, já muito avançado. Eu sempre lhe disse que algo não estava bem. Todos os dias chegava a casa de rastos, mesmo que ele só tivesse dado uma volta a pé. Ele tinha apenas alguns dias de vida, e eu prometi-lhe, a ele, e a mim, que iriam ser os melhores dias da vida dele.

Quando já estava na maca de hospital, prestes a morrer, dei-lhe a minha mão, e desde então estou grata por isso. Sempre que olho para ela lembro-me do calor da mão dele agarrada à minha, como a da primeira vez que nos conhecemos. Desde então estou grata por tudo e ainda mais por ter conseguido dar a mão a quem amava.